

As marcas da reescritura: rasuras, notas e textos do envelope

em *Teodoro Bicanca*, de Renato Castelo Branco

Márcia Edlene Mauriz Lima¹

O LIVRO MANUSCRITO *Teodoro Bicanca* (1948) constitui a primeira tentativa de Renato Castelo Branco, escritor piauiense, em resgatar a sua única obra, tipicamente regionalista. Trata-se de um texto que, embora sendo um dos mais representativos do Piauí, encontra-se totalmente desconhecido deste público leitor. Os poucos exemplares que apareceram no Estado foram queimados, em sua totalidade, por membros da família Souza Pires², pois se sentiram ofendidos com a representação, tecida pelo autor, de seu tio preferido, o Coronel Belarmino de Souza Pires, por meio das histórias vividas pelo Coronel Damasceno. Por sua vez, o autor, diante do contratempo gerado, determinou a não publicação da segunda edição do romance, enquanto o seu tio e os membros da sua família fossem vivos.

Assim, o movimento genético do autor tem como texto de base o exemplar do livro publicado *Teodoro Bicanca* (1948), que foi retrabalhado por Castelo Branco, com o objetivo de preparar uma segunda edição, após superar o desconforto sofrido no seio familiar. Nele fez todas as rasuras que desejava e acrescentou as notas, datando a conclusão das modificações do texto. Além disto, outro fator que simboliza o intento do escritor de reeditar a obra é que ele deixou envelopes, com textos revistos e ampliados, para serem acrescentadas ou substituídas partes do texto já publicado.

Ao tomar a decisão de reeditar a obra, o autor guardou consigo essa intenção, não a dividindo nem mesmo com a família. Após realizar o projeto de tornar a escrever *Teodoro Bicanca*, guarda, em sua biblioteca, o exemplar com as rasuras e os envelopes. O material ficou intacto durante 25 anos³.

Ao se analisar os manuscritos de Renato Castelo Branco, presumiu-se que os movimentos de recriação de *Teodoro Bicanca* aconteceram na seguinte ordem cronológica: o autor começa pelas notas, que, certamente, foram precedidas de rascunhos (de que não se tem comprovantes) até chegarem à versão desejada e serem colocadas na

¹ Professora Adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: marciamauriz2013@gmail.com.

² Depoimento oral da família e dos amigos sobre a vida e a obra de Renato Castelo Branco, atestando a sua veracidade.

³ Parte da biblioteca de Renato Castelo Branco e documentos de processos foram retirados da residência do autor, pelo Instituto de Estudos Brasileiros – IEB/USP, em 15 de fevereiro de 2011. Todo o material está acondicionado em caixas, possuem um índice nas etiquetas, mas os documentos não estão descritos e nem organizados. Assim sendo, não estão no Sistema de Gerenciamento de Acervo do IEB.

página pretendida. Passa em seguida para as rasuras, pois estas têm estreita relação com as notas, e completa as transformações do texto com os capítulos que se encontram nos envelopes.

Assim, o livro manuscrito se faz de maneira homogênea, ou seja, é composto de pedaços de escrita que seguem um caminho cronológico possível: início, meio e fim, ainda que o percurso da inspiração tenha se desenvolvido, alternando a escrita entre o exemplar de *Teodoro Bicanca* com os textos dos envelopes.

Entre 1980 e 1983, Castelo Branco volta a trabalhar com *Teodoro Bicanca*. Os registros, fixados no verso das notas trabalhadas, mostram que, em janeiro de 1980, foi escrita a primeira parte delas, as quais o autor chamou de “rascunho básico”. Logo depois, ele dá continuidade às mudanças que desejou fazer no romance.

As rasuras, em formato de notas datiloscritas, que se encontram no livro manuscrito, totalizam 12 notas, as quais o autor as enumera de: Nota A, B, C, D, E, F, G, H, I, J K e L. Para delimitar precisamente onde deveria ficar o novo texto, ele as cola na página anterior com fita durex e indica a sua entrada na página subsequente, após rasurar com caneta azul. Por exemplo, frases do tipo “Nota E”, em um verdadeiro exercício de alternâncias entre datiloscrito e manuscrito. As notas trazem, no início do texto, o número da página à qual deverão pertencer.

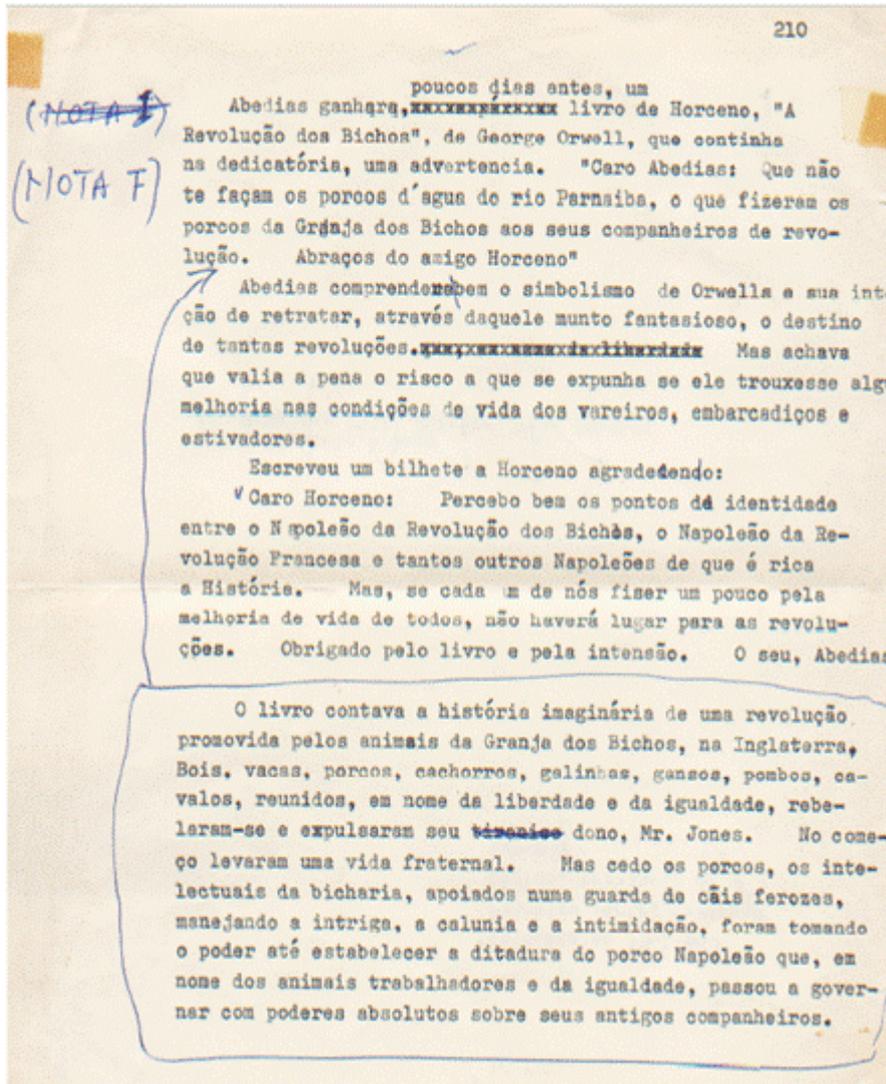
Para concretizar a reescrita que desejava realizar em *Teodoro Bicanca*, Castelo Branco, contando com as rasuras do exemplar do livro manuscrito, escreve fragmentos de textos de extensão e natureza variáveis e os coloca dentro de envelopes. As informações propostas são inúmeras, dentre elas: a troca de título, uma introdução, um índice, novos capítulos e títulos para todos eles. A grande surpresa dessa vontade autoral, expressa na escrita introdução, é a mudança de tipologia romanesca, isto é, o romance deixaria de ser regional e passaria a pertencer à sua trilogia de romances históricos: *A conquista dos sertões de dentro*, *Rio da liberdade* e *Senhores e escravos*.

Visando concluir a reescritura do texto, o autor escreveu 19 fólios que perfazem um total de cinco capítulos, para essa nova versão do romance. Todos, segundo o seu desejo, devem ser incorporados ao livro manuscrito. A página 127 do referido livro ganharia quatro capítulos: *A cidade*, *A casa grande*, *A casa inglesa* e *a Coluna e o cangaço*. Na página 183, entraria *A farmácia do Dr. Genésio*.

Castelo Branco datilografou todos os fólios em sua velha máquina de escrever, em espaço 3, utilizando papel ofício, de cor amarela. As “rasuras de leitura”, cometidas datilograficamente, são vistas ao longo das páginas transformadas, por meio do símbolo do borrão (XXXXXX) que atesta cada releitura e ajuste do pensamento criador. Todas as rasuras pertencem ao movimento escrita/leitura/escrita, marca que caracteriza as pretensões e as combinações do processo de criação dos textos.

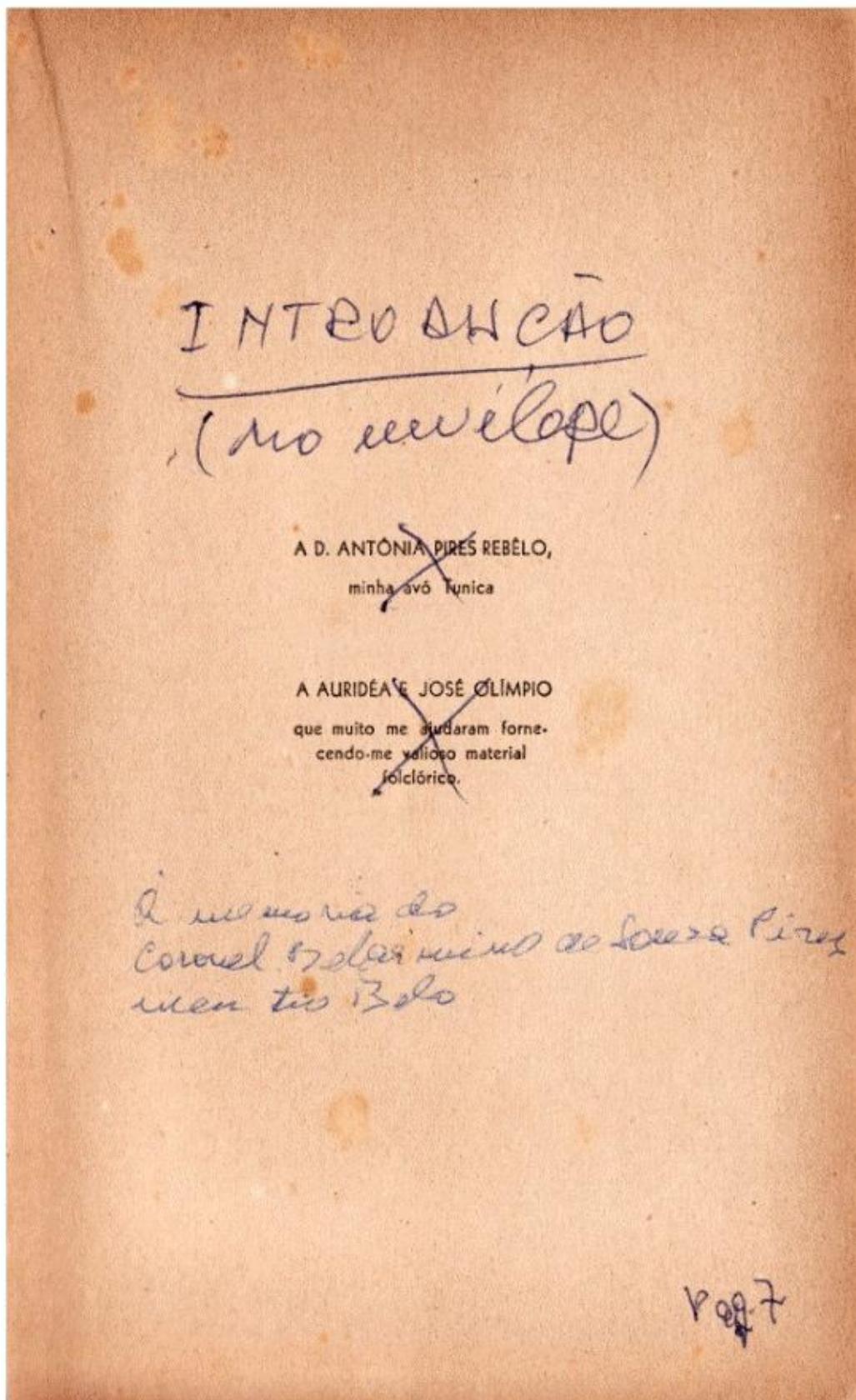
Assim, tais documentos são de uma única natureza: a da memória, uma trajetória de narrativas, pautadas nas experiências de ordem biográfica do autor, anotadas antes da versão final. Conforme Salles, “o trabalho criador

mostra-se como um complexo percurso de transformações múltiplas por meio do qual algo passa a existir"⁴: o sujeito-autor busca a matéria apropriada ao projeto de reescrita de *Teodoro Bicanca*. A ação de criar foi registrada na folha de papel e tornou-se o verso da escrita do apaziguamento: as rasuras viraram rascunhos.

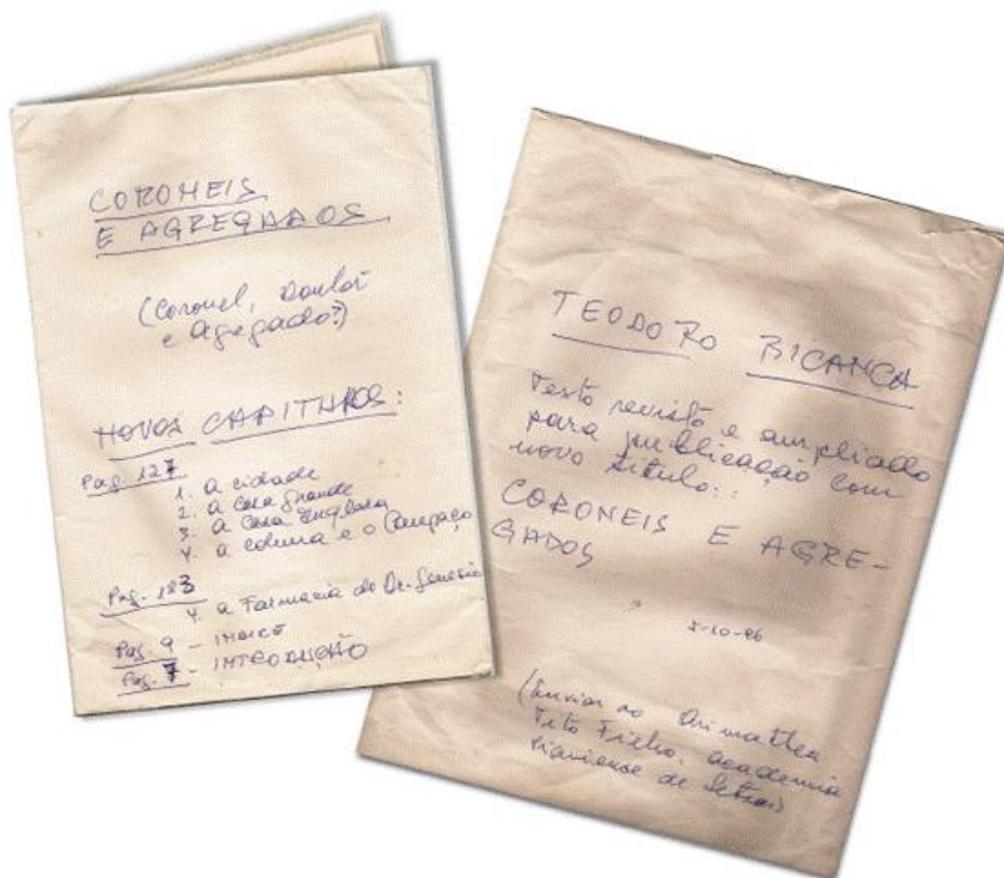


Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Coleção Renato Castelo Branco, código do documento: 1.00089.31.4.

⁴ SALLES, Cecília Almeida. *Gesto inacabado*: processo de criação artística. São Paulo: FAPESP: Annablume, 2004, p.27.



Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Coleção Renato Castelo Branco, código do documento: 1.00089.31.4.



Subindo ou descendo o rio, passavam constantemente os "gaiolas", rebocadores de todos os tipos, grandes e pequenos, arrastando atrás de si uma procissão de barcas, lotadas até ao máximo, as águas do rio lambendo as bordas da coxia, ou as ~~passavam~~ barcas isoladas, empurradas pelos vareiros hercúleos, com suas enormes varas apoiadas no peito, ~~passavam~~ ~~também~~ os veleiros, que vinham do Maranhão e do Ceará, as de doutor Zé Euclides, Euclides, Gotardo, Parentinho; do sr. ~~Euclides~~ ^{Zé Euclides} Sampaio, Edgard e Edmar; e Armando Basto, Seth y Borges, David Mentor; ^{Luciano, Euclides e Lourival Veiga,} Antonio e José Bonaparte, o abelha da, filhos do sr. Tenório

Fonte: Arquivo IEB – USP, Fundo Coleção Renato Castelo Branco, código do documento: 1.00089.31.4.

Recebido em: 20 de janeiro de 2017
Aprovado em: 10 de junho de 2017